

SEIDEL, Roberto H. *Embates simbólicos: estudos literários e culturais*. Recife: Bagaço, 2007. 168p.

Em relação à tradição dos estudos críticos mais recentes, o livro de Roberto Seidel, fruto de sua tese de doutorado defendida em 2004 na UFPE, inicia com interrogações que têm sido problemáticas para os diversos pesquisadores atentos àquela produção colocada à margem do cânone. Calcado num aparato analítico-hermenêutico, considerando a perspectiva dos estudos culturais e pós-coloniais, o autor procura não apenas valorizar aqueles textos estético-literários “diferentes”, mas extrair deles o que oferecem em termos de identidade, indagando o estatuto dos signos que proporcionam o aparecimento dessa produção que se encontra deslocada. O objetivo do seu trabalho, em última instância, é mostrar que o texto literário serve como elemento de ligação entre as particularidades de grupos culturais distintos entre si ao encenar e *figurativizar* contradições e tensões sócio-culturais.

O livro é dividido em duas partes, ambas com três subcapítulos. Na primeira, *O salto sobre o abismo: identidade e diferença na cultura ocidental*, são apresentados questionamentos norteadores de análise e crítica literária de uma perspectiva mais geral. Conceitos como história, nação, personagens, identidade, alogeneidade, dentre outro, são trabalhados no sentido de preparar a base onde se assentam as discussões que se seguem. Assim, na segunda parte, *O texto em meio a signos marcados e mercados sógnicos*, além de exposições teóricas que recaem em tópicos oriundos da teoria e da crítica latino-americana, analisam-se “as intersecções entre formas textuais consideradas marginais – especificamente, a poesia marginal recifense – ou formas em geral *desconsideradas* no âmbito literário – tais como, as *toadas* dos maracatus” (p. 17), ambas marcadas pela oralidade e pelos imbricamentos entre culturas tradicionais de origens diversas.

Um dos primeiros pontos discutidos por Seidel diz respeito a questões vinculadas ao estranho, ao diferente, ao deslocado, enfim, a tudo aquilo que está no limbo do que é tido como central e legitimado. Partindo da análise de um conto de Franz Kafka, *A ponte* (1917), o autor fala do sentimento de asfixia experimentado pelo protagonista. Essas caracterizações ao personagem explicariam certos traços da literatura kafkiana. Esta não se adequaria ao tradicional conceito positivista e europeu de literatura nacional, já que é sem unidade, heterogênea e carente de sistematicidade, algo que exigiria uma “leitura culturalista”, ou seja, “um *exercício de pluralismo metodológico*” (p. 29). O que atenuaria a ex-centricidade de Kafka não seria somente a sua condição de estrangeiro, mas a sua escrita e a sua fala que não

correspondem a sua realidade. Segundo Seidel, se a linguagem desajusta o homem, seria ela então o elemento que deveria ser trabalhado para jogá-lo na arena.

Nesse âmbito, de acordo com o autor, surge um elemento importante que merece atenção: o personagem, pois seria ele quem estimularia o afloramento dos mundos simbólicos. A questão do personagem – figura, *persona* ou *dramatis personae* –, segundo Seidel, estabeleceria ligações com o contexto histórico e social posto pelas diferentes épocas, pois “a *transitividade* dos sujeitos históricos nas diásporas, nas migrações e nas *disseminações* contemporâneas é tema recorrente” (p. 39) na literatura das últimas décadas. Tal análise, que tem em conta a tematização do sujeito em trânsito em uma terra estranha, visaria a atingir estratégias identitárias e diferenciadoras, vinculadas a sistemas de significação, logo, a sistemas de representação. Se o indivíduo passeia de um lugar para outro, não podem ser negadas as questões éticas, os choques de cultura, o sectarismo que ele vai enfrentar.

Esses elementos motivariam um debate sobre a questão da identidade. Como apresenta Seidel, esta jogaria com conceitos como limite e fronteira, o mesmo e o outro, o igual e o diferente, eu e tu, conterrâneo e estrangeiro – dicotomias essas que fariam “exsurgir” “o *eidos* capital da cultura ocidental” (p. 54). Nesse caso, lembra o autor, viria à tona o poder da linguagem e do discurso na formulação de valores e hierarquias. Não só isso, conceitos como *location*, entre-lugares, territorialização, desterritorialização, reterritorialização e transterritorialização passam a ser usados com mais frequência quando o assunto identidade é trazido à baila. A literatura, local de produção de sentido, “abre-se à possibilidade do encontro com o mesmo e com o outro, com o mesmo estranho de si e com o outro estranho de si, encontro com o dito e/ou escrito, servindo de via segura por sobre o abismo-sem-fundamento (*Abgrund*) da identidade” (p. 68).

Essas considerações conduzem Seidel a voltar o seu olhar para o conceito de cultura, não mais como algo cujas concepções são extraídas de uma classe hegemônica, mas algo inclusivo, que considera o local a partir do qual um indivíduo fala e o modo como fala. Essas questões, calcadas no paradigma da pós-modernidade, se fizeram notar, no Brasil, nos anos 70, quando se observam modificações estruturais e políticas nas obras. A partir do encontro de culturas – regionais, rurais, indígenas, sertanejas, crioulas, caboclas, etc. –, resultou o que se conhece por transculturação, hibridização, heterogeneidade. Como quer que seja, segundo Seidel, o Brasil ainda ocuparia uma situação periférica e contraditória, mas agora inserida no que ele chama de “modernidade periférica heterogênea” (p. 89), que aceita uma abordagem transdisciplinar com vistas a essa postura modificada em relação ao cânone.

Assim, Seidel tem os argumentos delineados para analisar “poemas marginais” sobre a realidade do Recife. Sua proposta, como se pode averiguar, é inclusiva, no sentido de que seu *corpus* tem em vista uma valorização daquilo que ainda está à margem. Seguindo os debates sobre o pós-moderno, ele seleciona uma poesia que valora o local, põe em xeque o afã universalista da modernidade. O crítico, ainda, tomando de empréstimo a conceituação “culturas híbridas”, de Canclini, afirma que, nos textos dos escritores recifenses, coexistem várias temporalidades, várias épocas numa mesma cidade ou local. Não só isso, haveria um misto entre um passado cultural tradicional local e o progresso tecnológico em erupção. Enfim, surge uma nova arte, uma arte suburbana, “*híbrida e diferente*” (p. 113).

Não apenas a produção seria marginal – malgrado a polissêmica interpretação para o termo –, mas os grupos cooptados – maracatus, nação, de afoxés, escolas de samba, remanescentes quilombolas ou indígenas – que expressam sua cultura pelos mais diversos meios. Além de traçarem a sua história de repressão, esses grupos se apresentam como uma resistência aos discursos fundacionais que “querem justamente unificar e *homogeneizar* as diferenças sociais” (p. 134). Os textos dos maracatus, a que Seidel dedica atenção, a par de suas restrições, têm existência apenas oral, e seus autores são, em sua maioria, analfabetos. Assim, o livro de Seidel abre possibilidade para se pensar nos grupos e nos significados historicamente reprimidos para a construção de uma sociedade mais justa e democrática.

Lizandro Carlos Calegari

Professor do Curso de Mestrado em Letras da URI-FW